

a ponte

José D'Assunção Barros¹

Uma ponte amarela,
Abaulada sobre o rio...
Sem dizer palavra,
Ela diz tudo, fio contra fio.

Eloquente, fala-nos sobre os fluxos de gentes
A passar de um para o outro lado
Do rio.
Mas também fala dos barcos
A lhe ditarem a forma:
Profundo pacto
Entre os homens e mulheres,
Desejosos de passar por cima,
E os barcos e jangadas
Convocados a seguir por baixo.

Este curvar da ponte, humilde e quase sacro,
É a mais sutil forma do acordo
– O produto profano de um pacto –
Entre todos os que queriam ir e vir:
Seja na forma de passantes,
Seja nos modos navegantes.

Na Ponte – há mais – o olhar encontra
Corrimãos que falam
Dos que caíram n'água.
Dizem-nos alguma coisa sobre a desatenção,
Sobre a imperícia,
Sobre a brutalidade do empurrão.
Talvez, quem sabe,
Escondam o comovente segredo de um suicida,
Ou de um simples e alegre acenar de mão.

Será, que a ponte, que liga as margens,
É também passagem
Para o *Outro Lado*?

¹ Professor-Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. Professor-Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: joseassun57@gmail.com.

Será ela a cura
Para a aflição?
Quantos ali deixaram seu último salto,
O derradeiro gesto
– O silêncio vivo que enfim precede
O calar eterno?
Quantos lá não abandonaram seu último grito mudo
Estendido e tingido por sobre a ponte
como se tudo... viesse de dentro de um quadro?
(E este quadro, ele mesmo atormentado,
Não estaria preso à parede exposta
De alguma dimensão secreta?)

Eis que a ponte prossegue
Nos dizendo tantas coisas
Sobre o rio e sobre tudo.

É amarela:
De um amarelo-berro...
Somente isso me escapa ao faro.
Porque não verde, vermelha – azul?
Como um sol estendido em linha,
Ou o arco-íris de uma só cor,
Ela permanece ali,
Sem revelar o último dos seus mistérios:
Uma ponte amarela
Sobre o rio, e sobre a vida.